

O trovisco (*Daphne gnidium* L.) na região de Lousada durante a Idade Média.

O contributo das Inquirições de 1220 e 1258 para uma abordagem paleoetnobotânica

Manuel Nunes*

1. Introdução

As Inquirições Gerais, tanto de Afonso II, realizadas em 1220, como de Afonso III, levadas a cabo em 1258¹, congregam uma riqueza informativa de incomensuráveis proporções para todos quantos se debruçam sobre as temáticas medievais. Apesar das limitações impostas pela documentação² que optamos por considerar para o território e período em questão, abundam os trabalhos geograficamente focalizados na região do Entre-Douro-e-Minho que, partindo do teor destes inquéritos, versam temáticas tão distintas como a paisagem agrária, a produção agrícola, o povoamento, a viação, a toponímia, o pão ou a fitologia³.

No caso do presente artigo, cujo fito é determinar o contributo que as Inquirições de 1220 e 1258 podem dispensar para um estudo de cariz paleobotânico e entnobotânico centrado na espécie, *Daphne gnidium*



Figura 1 - Pormenor da planta do trovisco em floração e com fruto

L.,^{Fig.1} para além de interrogarmos as fontes documentais acerca da distribuição e utilização desta espécie no território de Lousada durante o século XIII, procuramos uma aproximação

mais abrangente à realidade da paisagem vegetal coeva. Em simultâneo, e respondendo a uma segunda linha de pesquisa, pretendemos complementar as informações coligidas a partir das fontes documentais com entrevistas informais realizadas à população local, com o propósito de avaliar a distribuição actual da espécie, bem como a sua utilização em anos recentes.

O trabalho de campo, que decorreu ao longo do ano de 2009, permitiu compendiar um rol de dados que se encontram em fase de tratamento, mas que autorizam, desde já, uma primeira abordagem.

2. O trovisco

O trovisco, cujo nome científico deriva do grego "*Daphne*", a mitológica rapariga que, perseguida por Apolo, se transformou num loureiro (*Daphne* = designação grega para loureiro + *gnidium* = derivação de Cnidos, cidade grega da costa da

* Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada

¹ Nos inquéritos régios de 1258 foram abarcadas todas as freguesias do actual concelho de Lousada, enquanto nos inquéritos precedentes, de 1220, apenas foram inquiridas 11 freguesias: Alentém, Torno, Caide de Rei, Lustosa, Alvarenga, Aveleda, Cernadelo, Nogueira, Silvares, Santa Margarida e S. Miguel.

² Pese embora as Inquirições Gerais mandadas fazer por Afonso II e Afonso III incidirem, em exclusivo, sobre as freguesias onde existiam propriedades reguengas, oferecendo, por conseguinte, uma perspectiva limitada da realidade vigente no território de Lousada no século XIII, as informações recolhidas a partir destes inquéritos permitem, ainda assim, uma aproximação de fundo ao quadro natural vigente neste território durante a Baixa Idade Média.

³ Entre outros, veja-se os estudos publicados por MATTOSO, J. et al. (1986) - Paços de Ferreira na Idade Média: uma sociedade e uma economia agrárias. *Estudos Monográficos*. Paços de Ferreira, p. 173-191; GONÇALVES, I. (1996) - A árvore na paisagem rural do Entre Douro e Minho. O testemunho das Inquirições de 1258. *2º Congresso Histórico de Guimarães*. Vol. 6. *História local I. Média séculos XIII-XIV – Época Contemporânea*: Guimarães, p.9-10; GONÇALVES, I. (1999) - Sobre o pão medieval minhoto: o testemunho das Inquirições de 1258. *Arqueologia Medieval*. N.º 6. Lisboa: Afrontamento, p. 225-243; NUNES, M. (2009) - A paisagem agrária do concelho de Lousada no século XIII: notas arqueológicas, toponímicas e documentais. *OPPIDUM - Revista de Arqueologia, História e Património*. N.º 3. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.

Ásia Menor, hoje Turquia) é uma planta que se distribui pelo Sul da Europa, Região Mediterrânica e Macaronésia, sendo relativamente comum no território português. Ocorrendo numa grande diversidade de *habitats*, desde bosques perenes e caducifólios, em formações arbustivas sob coberto, até matos esclerofilicos, mata-gais, incultos e mesmo bordaduras de caminhos, o trovisco é um arbusto da família *Thymelaeaceae* que pode atingir até 2 metros de altura, de ramos delgados mas flexíveis, onde crescem folhas persistentes com forma obovado-oblongas que apresentam glândulas aromáticas nas faces inferiores. As flores, tubulares e hermafroditas e haste pilosa, são brancas ou levemente amareladas, e exalam um aroma agradável. A floração dá-se entre Março e Outubro e forma pequenos cachos terminais. O fruto, carnudo e em forma de baga com



Figura 2 - Aspecto da planta do trovisco

menos de 1 cm de diâmetro, amadurece entre Junho e Novembro e apresenta uma cor vermelha viva contendo uma única semente (Fernandes e Fernandes, 1991:79; Silva, 2007:318).^{Fig.2} O trovisco, também designado trovisco-fêmea, trovisqueira ou erva-de-João-Pires, é uma planta de elevada toxicidade que apresenta actualmente uma distribuição restrita no concelho de Lousada, ocorrendo sobretudo em áreas de sub-bosque, pouco denso e com boa exposição,

frequentemente associado a *Quercus robur* (carvalho-alvarinho), muitas vezes ao longo de caminhos e terrenos agrícolas abandonados. Espécie hoje rara, sobretudo por acção directa dos incêndios e da expansão de monoculturas arbóreas (e.g. eucalipto), a presença do trovisco foi, até à data, apenas confirmada na freguesia de Santo Estêvão de Barrosas, onde se acha reduzida a dois pequenos núcleos muito localizados. Apesar de comprovadamente utiliza-

do na região de Lousada desde 1220 (PMH Inq. 1220:152) como “arte de pesca” devido às suas propriedades tóxicas⁴, sabemos que a utilização do trovisco como método de pesca, entretanto ilegalizado⁵, se manteve, pelo menos, até à década de 70 do século XX. Do mesmo modo, a utilização do trovisco com fins medicinais, cosméticos e domésticos é uma realidade comprovada em diversos lugares do concelho até ao segundo quartel do século passado, conforme foi possível apurar através de um total de 36 entrevistas informais realizadas presencialmente a pessoas de ambos os sexos (H=42%; M=58%), com idades compreendidas entre 52 e 83 anos e residentes em diversos lugares do concelho de Lousada. As entrevistas foram realizadas entre Março e Maio de 2009.

Os resultados obtidos permitem constatar que na cosmética, por exemplo, era conhecida, sobretudo entre as mulheres, a prática da apanha das folhas do trovisco para fabricar um unguento que permitia tingir os cabelos de preto e “cobrir as brancas”; já na medicina, embora não seja possível avaliar a dimensão local da sua utilização, era bem conhecido o poder cicatrizante das folhas do trovisco, facto que levava à sua utilização na cicatrização de feridas⁶. Nas lides domésticas, a colocação de ra-

⁴ Trata-se de uma planta com poderes abortivos. A sua ingestão produz igualmente cefaleias, tremores, palidez, dilatação das pupilas, inchaço da boca e dos lábios, dificuldades de deglutição, diarreia e espasmos digestivos, convulsões, disfunção pulmonar; morte.

⁵ A este propósito, em 1827, António Sampaio escreveu: *O Rio [Vizela] é todo bordado de choupos, salgueiros, álamos, olmos, amieiros e freixos (...): na raiz, ou carroncos destas árvores é que se cria o peixe, sendo preciso, em muitas paragens, meter-lhes trovisco e perrexil, para que o peixe malhe na rede; porém lançar-lhe estes venenos, que matam a criação, é muito proibido e tem penas muito rigorosas, porém nunca o fazem senão com muitíssimo recato* (Sampaio, 1827:24).

⁶ Em 1901, Manuel Pereira-Caldas, na sua *Flora-Médica da Ribeira de Vissela* (1901:70-72), dava conta, nos seguintes termos, dos usos terapêuticos do trovisco: *Pelas propriedades drásticas das bagas e sementes, emeto-catharticas das folhas e depurativa da casca, foi utilizada internamente nas affecções cutâneas rebeldes, engorgitamentos venéreos, rheumatismo chronico, escrophulose e syphilis. Externamente, é ainda empregada hoje, como rubefaciente e vesicante, e para entreter a suppuração dos cautérios e dos vesicatórios. Produz-se a vesicação, fazendo macerar um pouco de casca, durante uma hora, em agua ou vinagre, applieando-a depois sobre a pelle, pela face interna, mantendo-a com uma faxa. N'este caso, a casca do trovisco tem a vantagem de nao produzir nenhuma influencia nociva sobre o aparelho genito-urinario e portanto superior ás cantharidas.*

mos verdes de trovisco era tida como um eficaz insecticida natural, nomeadamente contra piolhos e formigas. Havia inclusive quem o utilizasse para fazer uma cruz destinada a ser colocada na *margem* (alforbe) onde se semeava o cebolo, de modo a afastar as toupeiras e os ratos. Embora menos comum, também seria prática regular a utilização dos ramos do trovisco para a confecção de “varrisocos” (vassouras) destinadas a manter a limpeza de quinteiros e cozinhas, quando os pisos eram em terra batida. Mais surpreendente, embora ainda hoje encontremos utilizações análogas noutras regiões no Noroeste Peninsular, como a região da raia entre o Minho e a Galiza, é a utilização do trovisco como amuleto con-

tra esconjuros e bruxas, prática que, no entanto, apenas logramos registar numa única entrevista.

Curiosamente, e pese embora o conhecimento evidenciado sobre a utilização do trovisco no quotidiano recente, a maioria dos entrevistados (85%) não foi capaz de identificar ou descrever a planta.

3. O trovisco na paisagem rural do século XIII

A existência e utilização do trovisco na região de Lousada encontra-se largamente documentada nas Inquirições Afonsinas (1220 e 1258). Graças a estes documentos, é-nos possível esboçar um mapa de paleo distribuição da espécie para o concelho de Lousada no século XIII e,

sobretudo, traçar as linhas gerais de uma paisagem vegetal associada. ^{Fig.3} Na documentação utilizada para este artigo, o emprego do trovisco surge invariavelmente associado a uma das obrigações que, na Idade Média, era comum entre as populações ribeirinhas, a *entroviscada* (ainda *entroviscada* ou *troviscada*), isto é, a imposição de recolher, amassar e preparar o trovisco para ser utilizado nos pegos dos rios e ribeiras com o intuito de atordoar os peixes e facilitar a sua captura. Desta forma, não surgindo o trovisco mencionado directamente, é pelo seu emprego que deduzimos a ubiquidade da espécie no então território de Lousada⁷. Nas inquirições de 1220, por exemplo, a obrigatoriedade de *uadunta ad introviscatam* (PMH, Inq. 1220:152), apenas surge mencionada uma única vez,

e para a freguesia de Caíde de Rei. De resto, é na mesma freguesia que, em 1258, encontramos novas referências à obrigatoriedade das comunidades responderem à chamada do Mordomo para a *entroviscada*: *et omnes isti vadunt quando cumque eos Maiordomus vocaverit, et faciunt troviscatam* (PMH Inq. 1258:607).

Outras freguesias onde a planta surge mencionada são: Silvares (PMH Inq. 1258:542), Aveleda (PMH Inq. 1258:53) e Alentém, hoje Vilar do Torno e Alentém (PMH, Inq. 1258:609). Nestas quatro freguesias onde a *entroviscada* se encontra estabelecida, a obrigação encontra-se circunscrita a um determinado número de casais, como acontece nas freguesias de Aveleda (20 casais) e Silvares (3 casais), possivelmente aqueles que se encontrariam mais próximos do curso principal do rio Sousa, já que não é de

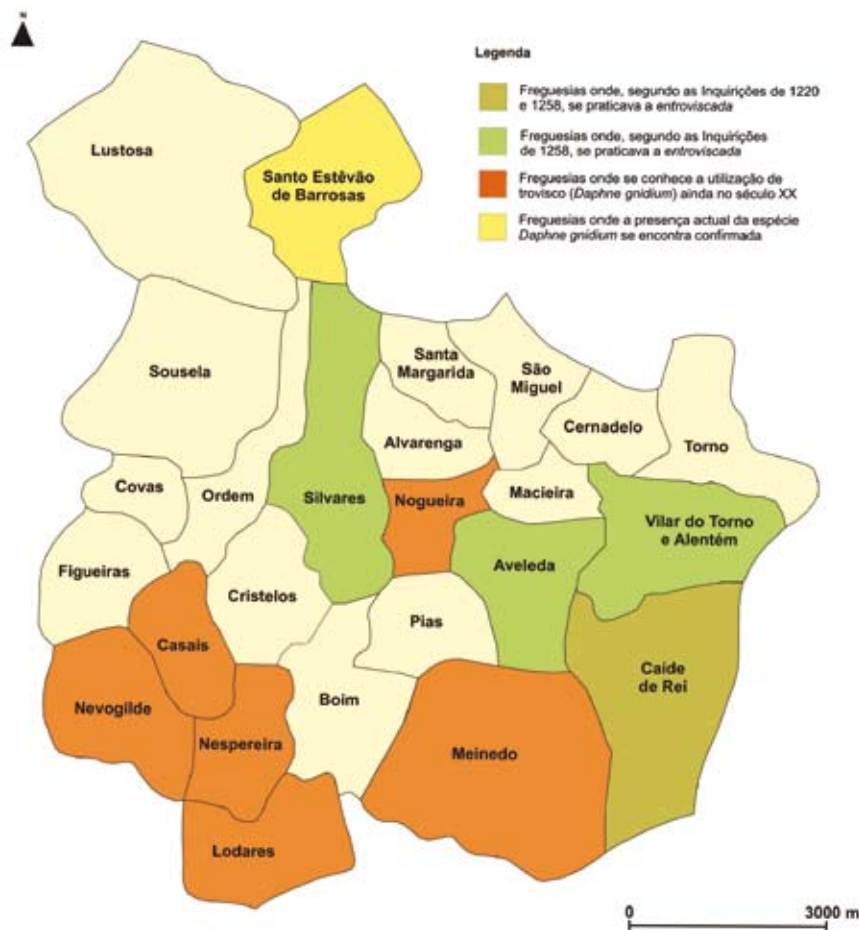


Figura 3 - Mapa da paleodistribuição do trovisco (*Daphne gnidium*) no concelho de Lousada, segundo as Inquirições de 1220 e 1258

⁷ Desconhecemos para este território, no século XIII, o emprego do trovisco noutras actividades domésticas, como por exemplo a tinturaria, prática comum noutras regiões do sul da Península Ibérica e Sul da Europa em geral (Priest-Dorman, 2001:1).

crer que fosse a abundância de trovisco a determinar as populações a abranger por esta imposição. Porém, mais do que atestar a recollecção de uma planta em particular, prática que, apesar do mutismo das fontes, supomos ter sido alargada a múltiplas outras actividades e produtos⁸, a *entroviscada*, possibilita um vislumbre da floresta que, no século XIII, subsistiria neste território. De facto, a abundância de referências à *entroviscada*, permitem-nos supor uma certa ubiquidade da espécie, designadamente nas cercanias do vale do rio Sousa, precisamente onde se localizam as freguesias em que esta actividade surge mencionada e, portanto, pelo menos nas áreas de menor altitude e ambientes termotemperados, uma predominância de áreas de bosques maduros, mas menos densos, talvez des-



Figura 4 - Orla de bosque, *habitat* característico do trovisco

contínuos ou com clareiras, com domínio de *Quercus robur* (carvalho-alvarinho), possivelmente acompanhados por *Quercus suber* (sobreiro) e com a presença de elementos

mais mediterrânicos, como o *Arbutus unedo* (medronheiro), *Thapsia villosa* e o próprio trovisco, que ocorreria em formações arbustivas sob coberto ou nas orlas mais expostas, muitas ve-

zes associadas a matos monoespecíficos. Fig. 4 Com efeito, a pressão demográfica que se manifesta na região a partir dos primórdios do século XIII (Nunes, 2009:65), terá levado a um natural aumento da procura de madeira e de lenha, tanto para as actividades quotidianas como para o desenvolvimento do artesanato (Vareta, 1985:50). Por esta razão as "terras bárbaras", isto é, *terras irruptas* ou incultas, com lande arbustiva espontânea onde presumimos, à semelhança de outras áreas com características bioclimáticas semelhantes (Carvalho, et al 2007:185-192), a presença de matos baixos, com tendências monoespecíficas pelo efeito da degradação antrópica⁹, dominados por plantas do género *Ulex* (tojo) ou *Cytisus* (giesta), deveriam ser comuns pelos meados da centúria de Duzentos, nomeadamente em áreas de média encosta, onde separavam as unidades culturais dos casais e davam corpo a zonas de logradouro, comuns aos vizinhos, destinados à exploração silvopastoril (Almeida, 1978:28).

Bibliografia

- PMH_ *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones 1220 e 1258*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1888-1897.
- ALMEIDA, C.A.F. (1978) - *Arquitectura românica de entre Douro e Minho*. FLUP: Porto.
- CARVALHO, J.; ALVES, P.C.; GROSSO-SILVA, J.M. e SANTOS, T.M. (2007) - *Biologia e ecologia do carvalho roble. Árvores e Florestas de Portugal. Os carvalhais*. (02). LPN/Público: Lisboa.
- FERNANDES, A. e FERNANDES, R.B. (1991) - *Flora vascular da Mata da Bufarda*. SNPRCN: Lisboa.
- SAMPAIO, A.J.L. (1827) - *Memórias sobre a ribeira do Vizela*. Sociedade Martins Sarmento: Guimarães.
- NUNES, M. (2009). A paisagem agrária do concelho de Lousada no século XIII: notas arqueológicas, toponímicas e documentais. *Oppidum - Revista de Ar-*

- queologia, História e Património*. Nº 3. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.47-74.
- PEREIRA-CALDAS, M. (1901) - *Flora-Médica da Ribeira de Vissela*. Dissertação Inaugural apresentada à Escola Médico-Cirurgica do Porto. Porto
- LOPES, E.T. (2004) - *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada.
- PRIEST-DORMAN, C. (2001) - *A Grass that Grows in Bologna: Dyeing with Weld. Medieval Textiles*. Illinois, p.1-8.
- SILVA, S.J. (2007) - *Guia de Campo: as árvores e os arbustos de Portugal continental. Árvores e Florestas de Portugal*. (09). LPN/Público: Lisboa.
- VARETA, N.D. (1985) - *Para uma geografia histórica da floresta portuguesa. As matas medievais e a «Coutada Velha» do Rei. Revista da Faculdade de Letras - Geografia*. Série I. Vol. I. FLUP: Porto, p.47-67.

⁸ À semelhança do que aconteceria noutras partes do país, também na região de Lousada a recolha de mel, a apanha de cogumelos ou a recolha de frutos e bagas (medronhos, amoras, etc.) seria uma prática comum no século XIII (Nunes, 2009:63).

⁹ O fogo, o machado e o dente do gado, mais do que o arado ou a charrua, foram os agentes modeladores da vegetação neste período.